

comportamento

“ONCOINFLUENCIADORES” USAM REDES SOCIAIS PARA COMPARTILHAR ETAPAS DO PRÓPRIO TRATAMENTO, MAS REAÇÕES NEM SEMPRE SÃO POSITIVAS



Autoexposição virtual

Diagnosticada com câncer de mama em 2017, a administradora de empresas Daniela de Meireles, hoje com 38 anos, sentiu-se na obrigação de compartilhar a notícia em seu perfil no Instagram devido à atividade que exercia na época. Moradora de Registro, município no interior de São Paulo com cerca de 60 mil habitantes, ela trabalhava com organização e assessoria de eventos e teria que se afastar para iniciar o tratamento. “A cidade é pequena e eu era muito conhecida por causa do meu tipo de tra-

balho, que exigia 100% de dedicação, inclusive no aspecto físico. Por isso, decidi expor a doença, já que teria que parar”, lembra.

Ela conta que, no primeiro momento, a comoção foi grande e muitas pessoas se solidarizaram. No entanto, em 2020, ao anunciar que estava com metástases no fígado, pulmão e ossos, a situação mudou. Foram diversos comentários desagradáveis e, segundo Daniela, houve até quem praticamente a condenasse à morte. O mesmo aconteceu este

ano, quando usou novamente a Internet para informar que a doença havia chegado ao fêmur e ao arco costal [ossos chatos que se articulam anteriormente ao esterno e posteriormente aos corpos vertebrais]. Mas, se por um lado, isso não foi impedimento para que continuasse postando sua rotina de tratamento, por outro, a empresária entendeu que precisaria aprender a lidar com reações negativas e contrárias à sua escolha. Essa é uma das características das redes sociais. E os “oncoinfluenciadores”, como se autodenominam alguns pacientes oncológicos que se expõem nas redes, não escapam.

“Mostrar essa vivência tem um lado ruim porque, muitas vezes, as pessoas têm um sentimento de pena ou acham que é autopromoção”, afirma Daniela. “Mas compartilhar meu dia a dia tem o objetivo de ajudar os seguidores a perceber que, mesmo diante de uma enfermidade tão assustadora, é possível viver como qualquer ser humano, com altos e baixos, tendo dias felizes e tristes. Para mim, é uma alegria. Quero ser um ponto de apoio para quem está enfrentando a doença.”

DECEPÇÃO EM FAMÍLIA

Manter-se firme em seu propósito, porém, não excluiu momentos de tristeza e desapontamento com alguns usuários. “Algumas situações me marcaram muito nos últimos anos. A primeira foi quando uma cliente que havia me chamado para organizar sua cerimônia de casamento cancelou o contrato. Lembro-me de que ela falou: ‘Como nós não sabemos o que vai acontecer, fico insegura de continuar’. A segunda foi uma seguidora que escreveu: ‘Que Deus tenha misericórdia da sua vida’. E eu pensei: ‘Que Ele tenha da sua’. A frase me magoou, pois soou como uma condenação”, conta. Mais comentários, dessa vez feitos por familiares em diferentes publicações, também a chatearam. Alguns deles foram: “Ah, pra que expor isso?”; “Sabia que você pode morrer agora?”; e “Você está preparada para a morte?”.

Chefe do Setor de Psicologia do Hospital do Câncer I do INCA, Alessandra Gonçalves de Sousa garante que, apesar de o conteúdo da maioria das postagens ser positivo, é possível constatar uma mudança. “Em geral, o que se exhibe nas redes sociais é o culto à beleza, ao sucesso e à felicidade, deixando de fora as experiências ligadas à dor, ao fracasso, aos conflitos pessoais, ao sofrimento e a tudo aquilo que nos torna tributários de um corpo que adocece, envelhece e morre. Porém, é exatamente essa dimensão mais real do ser humano,

Arquivo pessoal

Daniela de Meireles teve um contrato de trabalho cancelado após anunciar que estava com câncer de mama

10 58

Curtir Comentar Compartilhar

“Compartilhar meu dia a dia tem o objetivo de ajudar os seguidores a perceber que, mesmo diante de uma enfermidade tão assustadora, é possível viver como qualquer ser humano, com altos e baixos, tendo dias felizes e tristes”

DANIELA DE MEIRELES, administradora de empresas



Acostumada com comentários negativos, Eliza Montes nunca se incomodou com os haters

Arquivo pessoal

 Curtir  Comentar  Compartilhar

“Percebi que 80% do meu público era feminino. Como tive várias dúvidas acerca da doença e dos procedimentos pelos quais teria que passar, pensei que outras mulheres poderiam ter também. Quis transmitir a mensagem de que é importante saber o que está acontecendo no seu corpo”

ELIZA MONTES, atriz

menos ligada à imagem perfeita, que aos poucos vem inaugurando uma nova cena digital na qual, por exemplo, a exposição das diversas etapas do tratamento oncológico encontra espaço”, explica.

No entanto, ela acredita que, para que os posts conquistem muitas visualizações, é necessário que o conceito “ver e ser visto” esteja presente, de tal modo que um se encontra na íntima dependência do outro. “Em vez de dizermos o que é mais apropriado exibir nas redes, por que não perguntarmos o que o paciente deseja encontrar ao postar as particularidades do seu tratamento? Ou, ainda, o que ele suporta ouvir como resposta?”, propõe.

Isso porque discursos de ódio, comentários depreciativos ou preconceituosos e julgamentos implacáveis podem abalar ainda mais o estado emocional já fragilizado da pessoa com câncer. “Aquele que por vontade própria expõe seu dia a dia deve estar advertido da possibilidade desse tipo de retorno, que, ao contrário de criar um ambiente de acolhimento e espaço de compartilhamento das dificuldades e conquistas alcançadas, acaba por trazer complicações adicionais, para as quais o paciente pode não dispor de recursos psíquicos para aguentar”, constata a psicóloga.

Um desses casos foi o da influenciadora digital Nara Almeida, de São Paulo. Em 2017, aos 24 anos, ela foi diagnosticada com um tumor maligno no estômago e decidiu narrar as etapas de seu tratamento. Recebeu muito apoio, mas houve também quem debochasse de seu aspecto físico, devido à perda excessiva de peso. Em função disso, chegou a postar um desabafo, afirmando que pararia de responder mensagens privadas com esse tipo de conteúdo. Nara faleceu no ano seguinte.

ATENÇÃO AOS CONTEÚDOS!

Quando o assunto é doença, a professora, criadora e coordenadora do Curso de Especialização em Gestalt-Terapia da PUC-Rio, Sandra Salomão, é contra a publicação de posts que exponham rotinas de tratamento, oncológico ou não – principalmente se forem opinativos. “Informações qualificadas são importantes para a desmitificação da doença, mas tudo o que leva a chocar é desnecessário. Além disso, há pessoas que generalizam algo que é muito particular e, às vezes, ainda oferecem algum tipo de orientação. Acredito que toda e qualquer comunicação técnica e científica deve ser publicada apenas por médicos. Isso está previsto no *Código de Ética dos Psicólogos*; devemos tomar

bastante cuidado para não fazer nenhuma afirmação que possa induzir alguém a tirar conclusões erradas”, diz. Por outro lado, ela enxerga a rede social como uma aliada contra a solidão. “Pode haver momentos em que o paciente só conseguirá estar em contato com os profissionais de saúde ou com pouca possibilidade de acompanhamento. Nesses casos, acho que ajuda.”

Alessandra Gonçalves concorda e vai além, ao afirmar que a Internet está repleta de notícias que evidenciam tratamentos de câncer bem-sucedidos, o que estimula o pensamento de que uma dose de motivação é importante para a recuperação. Mas reconhece que os discursos dos pacientes muitas vezes deixam de lado as dificuldades inerentes aos procedimentos a que são submetidos e que tanto os afetam, tanto física quanto psicologicamente.

“As redes sociais cumprem a função de trazer para o centro do debate o tema do adoecimento por câncer, que, durante muito tempo, foi uma palavra coberta de preconceito. Não que esse modo de se referir à doença tenha desaparecido, mas, ao menos para a psicanálise, falar dela é justamente a possibilidade de tirar o peso que carrega”. Mas isso não é tudo: “Os pacientes oncológicos falam sobre o que veem na Internet com certa surpresa ao saberem que pessoas famosas, bem-sucedidas e felizes também adoecem, a despeito dos hábitos saudáveis e da boa condição financeira. Nesse sentido, a exposição parece contribuir para o entendimento de que é uma enfermidade que pode acometer qualquer um”.

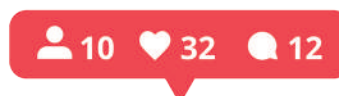
BLINDAGEM

Eliza Montes, de 40 anos, tem experiência na criação de conteúdo para o Instagram. Em maio de 2022, ela trabalhava como radialista e consultora de estilo no Mato Grosso do Sul quando foi diagnosticada com câncer de mama. Cerca de um mês depois, fazendo exames complementares, descobriu que o tumor maligno havia atingido também o pulmão esquerdo e o fígado. Mesmo abalada, decidiu compartilhar a notícia em seu perfil.

“Num primeiro momento, não acreditei que isso estava acontecendo. Quando recebi o diagnóstico de metástase, tive que buscar ajuda terapêutica. Depois de pensar muito, percebi que 80% do meu público era feminino. Como tive várias dúvidas acerca da doença e dos procedimentos pelos quais teria que passar, pensei que outras mulheres poderiam ter também. Quis transmitir a mensagem de que é importante sa-

ber o que está acontecendo no seu corpo”, recorda.

Seus seguidores acompanharam, por exemplo, notícias sobre os seis ciclos de quimioterapia a que se submeteu, a raspagem do cabelo [gravação em vídeo], assim como atualizações sobre seu estado de saúde. Eles também foram informados de que, por sugestão médica, Eliza retiraria os ovários. “Ainda estou em tratamento e tomo medicamentos que me deixam muito cansada e com dores nas articulações. Tento driblar esses sintomas com atividade física e boa alimentação. Mas, por ora, o câncer está controlado. Não tem mais vestígio de nódulos em nenhum órgão”, diz.



Acostumada a reações negativas por causa de seu trabalho como radialista – profissão que largou recentemente para se dedicar ao ofício de atriz –, ela afirma que não se incomodou com os *haters* [como são chamados os usuários que interagem nas plataformas virtuais de forma crítica e não construtiva, com o objetivo de atacar alguém ou um grupo de pessoas]. “Quando lia um comentário desagradável, simplesmente bloqueava a conta e seguia a vida. Sou uma pessoa pública e fui aprendendo a lidar com isso.”

Atualmente, Eliza usa seu perfil para ajudar outras mulheres diagnosticadas com câncer de mama e dar apoio, principalmente, em relação à queda de cabelo. “Essa é uma das principais questões. Muitas me perguntam como passei por esse momento. Na época, eu me armei de vários acessórios, como peruca, lenços e turbante, e mostrei isso no Instagram, antes de gravar o vídeo raspando a cabeça. Tive esse cuidado porque não sabia como seria minha reação ao me ver careca. Mas gostei, por incrível que pareça”, relembra.

De modo geral, Eliza também aproveita a visibilidade para transmitir a mensagem de que é importante não deixar a energia baixar. “Você pode estar passando pelo pior momento da sua vida, mas tudo depende de como vai reagir. Se estiver triste, querendo chorar e limpar toda a dor, chore, bote para fora, mas depois seque as lágrimas, dê a volta por cima e continue caminhando. A vida é assim”, aconselha. Mas reconhece que “infelizmente, às vezes, temos que enfrentar situações dolorosas e aprender a lidar com elas. No final das contas, é mais importante a forma como reagimos do que o que realmente acontece. Temos que focar a cura e no ‘queremos viver’”.